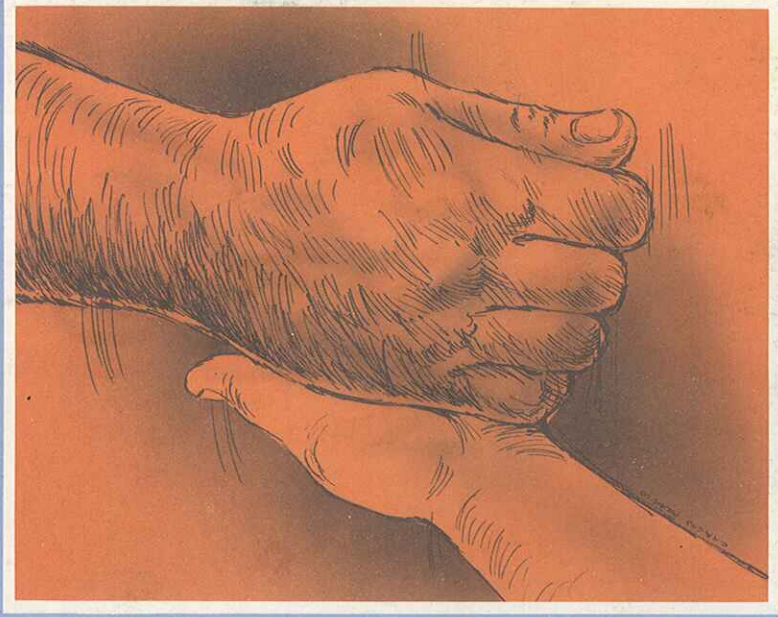


3 exemplares

O PAI NOSSO



CRUZ DE MALTA

O Pai Nosso

1976 (011) 251 3857
Fones: (011) 251 3857 e (011) 543 2386
Orelha: 009 - Capim Fino - 2º
e Abaixo para de baixo 38

Infância Mitoqan
1987

1987 - Winton C. Winton

1987 - Paulo Roberto Costa

1987

1987 - Souza, J. J. J.

1987 - Souza, J. J. J.

1987 - Souza, J. J. J.

1987 - Souza, J. J. J.

1987 - Souza, J. J. J.

1987 - Souza, J. J. J.

1987 - Souza, J. J. J.

1987 - Souza, J. J. J.

1987 - Souza, J. J. J.

1987 - Souza, J. J. J.

1987 - Souza, J. J. J.

1987 - Souza, J. J. J.

1987 - Souza, J. J. J.

1987 - Souza, J. J. J.

1987 - Souza, J. J. J.

1987 - Souza, J. J. J.

1987 - Souza, J. J. J.

1987 - Souza, J. J. J.

1987 - Souza, J. J. J.

1987 - Souza, J. J. J.

1987 - Souza, J. J. J.

1987 - Souza, J. J. J.

1987 - Souza, J. J. J.

1987 - Souza, J. J. J.

1987 - Souza, J. J. J.

1987 - Souza, J. J. J.

1987 - Souza, J. J. J.

1987 - Souza, J. J. J.

1987 - Souza, J. J. J.

1987 - Souza, J. J. J.

1987 - Souza, J. J. J.

1987 - Souza, J. J. J.

1987 - Souza, J. J. J.

1987 - Souza, J. J. J.

1987 - Souza, J. J. J.

1987 - Souza, J. J. J.

ÍNDICE

Introdução	05
Primeira Parte	
I. Como estudar o Pai Nosso.....	07
II. A primeira petição.....	10
III. A segunda petição.....	11
IV. A terceira petição.....	12
V. A quarta petição.....	13
VI. A quinta petição.....	14
Conclusão	15
Segunda Parte	
Estudo nº 01	17
Estudo nº 02	19
Estudo nº 03	21
Estudo nº 04	25
Estudo nº 05	27
Estudo nº 06	29
Estudo nº 07	31
Estudo nº 08	33
Estudo nº 09	35
Estudo nº 10	37
Estudo nº 11	39
Estudo nº 12	41
Estudo nº 13	43
Estudo nº 14	45
Estudo nº 15	47
Estudo nº 16	49
Estudo nº 17	51

O PAI NOSSO

Copyright - Imprensa Metodista

1ª edição: 1988

2ª edição: 1993

Todos os direitos reservados pela Lei 5988 de 14/12/73

Secretário Executivo Editorial
Aluisio Faria de Siqueira

Secretário de Administração e Finanças
Renato Soares Fleischner

Redatores:

1ª parte - Paulo Roberto Garcia
2ª parte - Warren C. Wofford

1993

Imprensa Metodista

R. Vigário João de Pontes 766
04748-000 - Chácara Flora - SP
Fones: (011) 523.9622 e (011) 247.5288
Fax: (011) 521.2825

INTRODUÇÃO

A oração do Pai Nosso é a mais conhecida oração em todo o mundo. Ela já foi traduzida em diversos idiomas, atingindo diversos continentes e pessoas das mais diversas camadas sociais.

Mas, como uma contradição, aquilo que é por demais divulgado acaba por ser desconhecido. Sim, por serem muito conhecidas, muitas coisas acabam desconhecidas. É semelhante, muitas vezes, a um enfeite que se tem em casa. Por já estarmos tão acostumados a ele já não mais nos lembramos do seu contorno, de suas formas e detalhes.

O mesmo aconteceu com a oração do Pai Nosso. Com o passar dos anos ela se tornou por demais conhecida, mas perdeu a sua força de uma oração que convoca o povo a um compromisso de vida diante das forças da morte e que dá uma identidade como discípulos de Cristo.

Para buscarmos recuperar essa força da oração vamos tentar responder a três perguntas:

- Por que ela foi ensinada?
- Para quem ela foi transmitida?
- O que ela apresentava/apresenta à vida cristã?

Para responder a estas questões, este material estará dividido em duas partes: a primeira é o estudo da oração do Pai Nosso, preparado por Paulo Roberto Garcia; a segunda parte consiste de 17 lições a respeito do estudo para facilitar a abordagem da primeira parte, preparado por Warren Wofford.

Como trabalhar com esse material?

Leia com atenção cada trecho da primeira parte até a indicação de em quais páginas você encontra o material pedagógico. Interrompa o estudo e desenvolva a metodologia da segunda parte - a parte pedagógica.

Feito isso, você poderá reler o estudado (a primeira parte) para fixar o visto. E assim até o final dos estudos.

Um bom estudo e que essa oração possa levá-lo a um compromisso sério de vida com o Senhor da Vida.

I - COMO ESTUDAR O PAI NOSSO?

(Parte referente aos estudos nº 01, nº 02, nº 03 e nº 16)

A oração do Pai Nosso é um dos mais ricos tesouros da igreja cristã. Ela serviu de orientação e força na caminhada dos cristãos em face das mais arraigadas perseguições e definições de caminhos.

Mas como devemos encarar esta oração?

Quando falamos em oração lembramos de um pedido nosso para ser atendido por Deus ou, quando muito, um agradecimento a Deus por uma ação Sua em nossas vidas. Se pensarmos nestes termos, a oração do Pai Nosso não se encaixa nesta definição, uma vez que as petições que nela aparecem são mais um desafio à vida do que uma busca dos favores de Deus.

Por isso, devemos logo de saída definir que nossa abordagem desta oração será através deste prisma, ou seja, que a oração não é uma oração de pedidos ou súplicas mas sim uma *oração compromisso* dos cristãos. Deste modo, neste estudo estaremos buscando entender de modo prático para a vida do povo de Deus o que esta oração busca apresentar.

Não vamos, portanto, nos deter tanto nos aspectos científicos da oração, recorrendo a eles apenas quando imprescindível, mas sim vamos perseguir a praticidade e o compromisso que a oração apresenta para a vida hoje.

A oração na Bíblia e o seu uso na comunidade primitiva

No Novo Testamento encontramos a oração em dois Evangelhos: **Mateus 6.9-13** e **Lucas 11.2-4**. Mas observando os textos deveremos reparar em dois detalhes: a) a versão de Lucas é menor que a versão de Mateus; b) a situação em que Jesus ensina a oração aos discípulos é diferente em cada evangelista. Vejamos o porquê destas duas discrepâncias.

Mateus 6.9-13
O pão nosso de cada dia nos dá hoje;

Portanto, vós orareis assim:

E perdoa as nossas dívidas,

Assim como nós perdoamos

Pai Nosso, que estás nos céus,

Santificado seja o Teu nome;

Venha o Teu Reino,

Seja feita a Tua vontade,

Assim na Terra como no céu;

ao nossos devedores;

E não nos induza à tentação;

Mas livra-nos do mal;

Porque teu é o Reino, e o Poder,

e a Glória para sempre. Amém.

Lucas 11.2-4

Quando orardes, dizeis:

*Pai, que estás nos céus,
Santificado seja o Teu nome;
Venha o Teu Reino,
Dá-nos cada dia*

*O nosso pão cotidiano;
E perdoa os nossos pecados,
Pois também nós perdoamos
a qualquer que nos deve,
E não nos conduza em tentação,
mas livra-nos do mal.*
(Tradução Almeida)

Ao olharmos as duas formas em que a oração aparece podemos perceber que, embora poucas, as diferenças são interessantes: a) Lucas não usa a forma "Pai Nosso" e fica com a opção "Pai"; b) Lucas omite a afirmativa "seja feita a Tua vontade assim na terra como no céu"; c) a diferença marcante está em que Mateus pede o perdão das dívidas enquanto Lucas pede o perdão dos pecados; d) finalmente Mateus usa para terminar a oração uma doxologia que é omitida em Lucas.

Estas diferenças são em sua maioria compreensíveis a partir da transmissão oral, que permitia às vezes a mudança de algumas palavras e ordem nas frases. Isto durou até que a oração viesse a ter sua forma final cristalizada na liturgia e na profissão de fé dos cristãos. Duas diferenças apenas merecem destaque, que são as que seguem.

Pecado ou Dívida?

A pergunta que se apresenta é se não seriam as dívidas uma maneira diferente de se designar os pecados de cada um que repete essa oração. Mas de certo modo, essa observação entraria em conflito com a continuação desta petição. Neste modo de pensar, para mostrar a contradição, a frase seria enunciada da seguinte forma: perdoa os nossos pecados, assim como perdoamos quem pecou contra nós. Neste ponto, entramos no mérito de se perdoar os pecados de outras pessoas.

O argumento mais forte contra pecado e a favor de dívida se encontra, porém, nas próprias crenças e esperanças do povo judeu. Uma delas, o Ano do Jubileu, e esta, conforme veremos quando tratarmos desta petição, será a grande chave para se entender o sentido desta petição. Deste modo, definiremos aqui, sem aprofundarmos os argumentos, que a petição deve ser para o perdão das dívidas e não os pecados.

A Doxologia

Doxologia é uma forma litúrgica usada para terminar expressões de louvor, sú-plicas e intercessão junto a Deus. Portanto, nem é necessário aprofundar muito essa questão. A ausência da petição em Lucas é devido à oração em Lucas ser ainda a forma da tradição oral, mais antiga do que a de Mateus, com alterações conforme visto acima. Já a petição de Mateus está em sua forma litúrgica, cristalizada e já integrada na vida da comunidade cristã como um tesouro, uma marca que identificava aqueles que a conheciam e usavam.

Devemos destacar que não estamos afirmando que o Evangelho de Lucas é mais antigo que o de Mateus, mas sim que, no trabalho de coleta de material feito pela comunidade e o evangelista, Mateus teve acesso a um material mais trabalhado pela tradição litúrgica, já com uma doxologia dando o tom final da oração, enquanto Lucas teve acesso a um material mais antigo e sem as configurações litúrgicas.

Delineado o lugar em que encontramos a oração na Bíblia, uma comparação de suas diferenças e uma tentativa de entender o porquê destas, surge agora a pergunta crucial: *qual o papel da oração do Pai Nosso na igreja cristã do primeiro século?*

Para comermos a responder esta indagação é necessário distinguirmos o contexto em que aparece a oração em cada Evangelho. Vemos que os contextos são distintos. Enquanto em Mateus a oração aparece em meio a instruções e ensinamentos de Jesus, reunidos no conhecido Sermão do Monte, em Lucas a oração é ensinada aos discípulos a partir de um pedido deles próprios, que queriam uma oração que os identificasse como discípulos de Cristo, assim como os fariseus e os discípulos de João (e também outros grupos da época) tinham a sua.

Vamos definir, sem muita discussão acadêmica, que Lucas conserva a oração no contexto em que surgiu na boca de Jesus, ou seja, dando aos discípulos uma oração que os identificasse como seguidores de Cristo. Já Mateus conserva a oração no uso da igreja em seus primórdios, ou seja, dentro do primeiro manual de catecúmenos (novos membros) que a igreja teve, e Mateus usa partes desse manual a que ele teve acesso e que veio a ser conhecido dentro de seu Evangelho como o Sermão do Monte.

Há de se destacar que dentro da pedagogia de Jesus não podemos imaginar o uso de um longo sermão como o que temos em Mateus. Deste modo podemos afirmar que o Sermão do Monte é uma reunião de ensinamentos de Jesus. Esses ensinamentos foram reunidos para facilitar o ensino dos cristãos, principalmente os novos membros. Mateus, quando redige seu Evangelho, coloca todos os ensinamentos na forma de um grande sermão.

Mas qual a conclusão que tiramos do visto acima?

A partir de Lucas vemos que a oração do Pai Nosso não é uma petição, conforme afirmamos de saída, antes ela é uma senha, um código que identifica e dava aos cristãos uma personalidade. Ou seja, o cristão é aquele que em sua vida vive essa realidade: "Pai Nosso que estás..."

Já a partir de Mateus, vemos que essa oração se incorporou no manual de instrução dos novos membros. Era ensinada como regra de vida e fé aos novos cristãos (como é o objetivo de todo o Sermão do Monte).

É por isso que a oração do Pai Nosso é uma oração compromisso/desafio a todos os cristãos.

Mas quais são os desafios contidos na oração? Isto é o que veremos ao estudarmos cada petição desta nossa regra de vida. Esta será a chave que usaremos para abordarmos o estudo de cada petição: a chave do compromisso/desafio – desafio/compromisso.

II - A PRIMEIRA PETIÇÃO

(Parte referente aos estudos nº 04 e nº 05)

*"Pai Nosso, que está no céu,
santificado seja o Teu nome..."*

Nesta primeira petição, dois destaques devem ser feitos: o uso da invocação *Pai Nosso*, e o pedido de que *santificado* seja o nome do Pai.

Pai Nosso

O emprego da invocação *Pai* é incomum no pensamento do povo judeu da época de Jesus. Para os judeus Deus (*Javé*) era o distante, o altíssimo, aquele que mesmo o seu nome não poderia ser pronunciado. A simples visão de Deus levava à morte – como vemos na vocação de *Isaías*, onde ele já lamenta a sua morte por ter visto o Altíssimo (*Isaías 6.1-5*).

Deste modo, chamar Deus de *Pai*, e ainda usando um termo da língua aramaica – que era falada na época de Jesus – que denotava uma proximidade e uma intimidade muito grande (a palavra *Abba* pode ser traduzida como *paizinho* e era usada pelos filhos pequenos para tratar com o pai), trouxe uma nova conotação para a relação de Deus com os homens.

Na oração, o Deus distante, Altíssimo, Poderoso, Rei... torna-se o *Pai* que, estando no céu, é próximo e carinhoso para com todos, pois ele é um Deus-*Pai* ou, também, Ele é um Deus-*Paizinho*.

Santificado seja...

Como já dissemos no início deste estudo, o *Pai Nosso* não é uma oração de petição em favor da ação de Deus na vida dos cristãos, mas sim é uma oração de compromisso de vida dos cristãos com a vontade de Deus. Com isso é possível ter uma nova luz sobre esta petição que apresenta, aparentemente, uma heresia: pedir que o nome de Deus seja santificado, ou seja, *tornado santo*, parece uma negação da profissão de fé que reconhece Deus como "*Santo, Santo, Santo*". Por isso o nosso caminho de reflexão desta petição e o do compromisso. Portanto devemos destacar:

1. A santidade de Deus não é um estado espiritual das coisas somente, mas é fundamentalmente o reconhecimento e a vivência da Sua vontade em todos os segmentos da vida. Ou seja, a santidade de Deus é a vitória do seu Reino, o Reino da vida, sobre todas as forças que produzem a morte.
2. A petição está no passivo – santificado seja, ou então, seja tornado santo... – assim, não cabe a Deus o ato de santificar o Seu nome mas sim cabe a cada cristão que recita esta oração.

Santificar o nome de Deus é o compromisso de todos os cristãos de, em meio aos sinais que contradizem a santidade de Deus – os sinais de morte (violência, opressão,

miséria, analfabetismo...) – proclamar, viver e fazer aparecer os sinais de vida que atestam na prática cotidiana que Deus é Santo e Senhor.

Assim, esta petição é ao mesmo tempo um compromisso e uma esperança. Com-promisso enquanto todos que a recitam assumem o seu lugar na transformação do mundo em que vivemos, em um lugar onde os sinais de morte serão vencidos e erradicados. Uma esperança enquanto proclamamos que a partir daí veremos o Reino de Deus se manifestando em nosso meio e anunciando um novo mundo – o Mundo da Vida, o Reino da Vida, o Reino de Deus.

III - A SEGUNDA PETIÇÃO

(Parte referente aos estudos nº 06 e nº 07)

*"Venha o Teu Reino,
seja feita a Tua vontade
assim na Terra como no céu..."*

Embora tenhamos duas petições conjugadas, a petição *Venha o Teu Reino* será a linha mestra dessa segunda petição (seja feita a tua vontade assim na Terra como no céu) e das petições seguintes.

O tema do Reino de Deus faz parte da teologia de Jesus e da Igreja Cristã. Era um tema discutido e esperado pelo povo judeu contemporâneo a Jesus. Só que cada grupo tinha uma visão diferente da chegada do Reino e de que grupo seria alcançado por ele. Os fariseus, por exemplo, acreditavam que o caminho do Reino seria o do cumprimento da Lei. Os monges de Qumrã – uma comunidade que vivia no deserto – se preparavam para a guerra santa levando uma vida afastada do mundo. Os discípulos de João Batista acreditavam no arrependimento e no batismo.

Os discípulos de Jesus esperavam também o Reino de Deus. Apenas essa "espera" era marcada por uma atitude diferente diante da vida. O compromisso com o Reino passa por uma postura diferente diante da realidade.

Por isso, cada petição a seguir será examinada à luz desta linha mestra: "*Venha o Teu Reino*".

"Seja feita a Tua vontade, assim na Terra como no céu".

Vamos primeiro observar a afirmação "assim na terra como no céu". Esta afirmação terra e céu, como outras semelhantes, por exemplo "o bem e o mal", é uma forma de se expressar a universalidade. Portanto, ao afirmar que a vontade de Deus deve ser feita na terra assim como no céu, está-se pedindo com isso que ela seja feita em todos os lugares do cosmos, ou seja, em todo o universo.

Agora perguntamos: como é que a vontade de Deus se realiza?

Não podemos estudar as petições em separado, se assim o fazemos é apenas uma questão metodológica. Diante disso, temos de pensar na realização da vontade de Deus à luz da petição anterior sobre o santificar o nome de Deus. O nome de Deus é santificado à medida que nós nos colocamos à disposição para a missão. A vontade de Deus é

realizada à medida em que nós nos colocamos à disposição como instrumentos para a realização dessa vontade.

Assim, mais uma vez temos uma petição/compromisso, onde pedir a vinda do Reino é se comprometer a atuar como agente histórico da vontade de Deus. Por isso, pedir que o Reino de Deus se manifeste é pedir para que possamos ser agentes para que a vontade de Deus se manifeste em todos os segmentos de nosso mundo e do universo em que vivemos.

IV – A TERCEIRA PETIÇÃO

(Parte referente aos estudos nº 08 e nº 09)

*“Venha o Teu Reino...
o pão nosso de cada dia nos dá hoje...”*

Esta terceira petição também deve ser lida à luz da teologia do Reino. Falar do pão é falar do Reino. Mas, antes de entrarmos na discussão da petição, precisamos falar um pouco sobre a tradução desta passagem.

Como é do conhecimento geral o Novo Testamento foi escrito na língua grega. Só que não se usou o grego clássico, mas sim um tipo de grego chamado “Koine”. Esse grego era a língua popular, com muitas misturas e influências dos vocábulos populares e até de outras línguas. Assim, temos algumas palavras que são pouco usadas no Novo Testamento e que eram usadas pelo povo mas não apareciam nos clássicos. Estas palavras são difíceis de traduzir, devido a não conseguirmos saber como o povo da época usava estas palavras.

Na oração do Pai Nosso, nesta petição que estamos estudando, temos uma palavra assim. A palavra que em nossas Bíblias aparece traduzidas por “... de cada dia...” só aparece duas vezes no Novo Testamento, e as duas na oração do Pai Nosso (em Mateus e Lucas). Esta palavra apresenta algumas possibilidades diferentes de tradução. Ela pode ser traduzida como “de cada dia” ou “cotidiano” como também “de amanhã”.

Assim, a petição poderia ficar:

- O pão nosso de cada dia nos dá hoje.
- O pão nosso cotidiano nos dá hoje.
- O pão nosso de amanhã nos dá hoje.

A primeira e a segunda possibilidade são quase sinônimas, ou seja, não apresentam diferenças maiores. Já a terceira possibilidade muda totalmente o sentido da tradução. Qual opção devemos tomar?

As duas primeiras formas fazem sentido para a oração vistas separadamente das outras petições. Fazer essa petição seria lutar contra a ganância e a fome de ter as coisas. Então a petiçãoalaria que devemos nos contentar hoje com aquilo que temos. A partir daí poderíamos elaborar uma série de orações ou apoios. Mas o que nos chama a atenção é que à luz do Reino de Deus, que é uma esperança futura, esta petição unicamente no presente seria uma limitação. Por isso, à luz do Reino de Deus, a melhor tradução seria: “o pão nosso de amanhã nos dá hoje”. Por que isso?

Quando falamos da cultura semita devemos retomar alguns valores desses povos, entre eles o povo judeu. A refeição era um momento muito importante. Por isso, não se sentavam à mesa pessoas que não tivessem um relacionamento muito profundo com o dono da casa. Por isso, dentro das expectativas do povo em relação ao “Dia de Javé”, ou para os cristãos mais precisamente o “Reino de Deus”, havia a certeza que a vitória de Javé e a implantação de seu Reino e soberania seria marcado por um grande banquete, o *banquete messiânico*.

À luz do Reino de Deus, pedir que o pão de amanhã seja partido hoje, ou que hoje possamos já saborear o pão de amanhã, é uma súplica pela antecipação do Reino. Pede-se que hoje eu já possa saborear o Reino.

Como podemos saborear o Reino hoje? Podemos pedir para que o Reino seja antecipado?

Quando falamos de saborear, estamos falando do sentir por antecipação, ou seja, sentir o gosto na boca do bife que está fritando na frigideira perto. Em nossa ação cotidiana, buscamos já poder sentir, discernir os “Sinais do Reino”, podemos já participar do Reino que está presente entre nós na forma de semente, que germina devagar sem que ninguém saiba como.

Pedir para saborear o pão de amanhã é pedir o discernimento para enxergar os sinais que apontam o Reino de Deus. Para enxergar isso, é necessário viver o compromisso com o Reino. Sem compromisso não há afinidade e, conseqüentemente, não há discernimento. Voltando à nossa ilustração, só sente o sabor do bife que está fritando aquele que conhece o sabor e aprecia carne frita. Só sente o sabor do Reino aquele que conhece e aprecia “o sabor” dele.

V – A QUARTA PETIÇÃO

(Parte referente aos estudos nº 10 e nº 11)

*“Venha o Teu Reino...
E perdoa as nossas dívidas,
assim como nós perdoamos aos nossos devedores...”*

Perdoar dívidas ou pecados? Foi esta a pergunta que levantamos na introdução sobre a diferença de Mateus e Lucas. Na introdução não desenvolvemos o assunto. Apenas definimos que a melhor tradução seria dívidas e não pecado. Por que isso?

Quando falamos em dívidas devemos buscar a compreensão disso nos costumes, nas crenças e na tradição do povo judeu. Ligado à questão das dívidas, um dos pontos da lei que permanecia na esperança do povo judeu era o “Ano do Jubileu”, um ano em que ao toque das trombetas os escravos por dívidas seriam libertados, as terras resgatadas ou compradas voltariam aos seus donos originais. Era o ano do perdão das dívidas. Essa lei encontra-se em **Levítico 25.8-55**. Apenas não há, no Antigo Testamento, o menor indício que essa lei tenha alguma vez sido cumprida.

Deste modo, a lei passou possivelmente a fazer parte das esperanças do povo no “Dia do Senhor”. O dia do Senhor seria um dia de justiça e perdão. O Dia do Senhor, de certo modo, agrupa o conceito do “Ano do Jubileu”.

Em nossa oração, pedir o perdão a Deus pelas nossas dívidas, ligado à petição “Venha o Teu Reino”, acaba por apontar esse sentido. Do mesmo modo que o Reino de Deus vem com a Justiça e o Perdão, o pedir o perdão das dívidas é pedir a vinda do Reino de Deus.

Mas aqui, mais uma vez, não conseguimos fugir ao nosso compromisso: para pedir que Deus perdoe as nossas dívidas, que estabeleça entre nós o Seu Reino e que sua vontade prevaleça é necessário antes que a nossa prática de vida reflita isso. Perdoa assim como perdoamos. Igualmente como na nossa prática de vida a justiça e o direito se fazem presentes e eu perdoo aqueles que têm para comigo dívidas, que Deus, o Pai, possa me perdoar também.

Percebemos que, formulando a petição nessa forma acima, ela se torna profundamente radical, tornando a petição muito dura de se proferir. É quase que pedir a Deus que ele venha a agir em nossas vidas e comunidades do mesmo modo que nós agimos com os outros.

O desafio é simples: Venha o Teu Reino? Então minha participação na vinda desse Reino é praticar aqui já a justiça do Reino, que é muito maior que a do “Ano do Jubileu”, mas que inspira desafios comuns a este.

Agora podemos entender porque Lucas, ou a comunidade Lucana, muda a petição de dívidas para pecados. O fato da comunidade de Lucas ser uma comunidade genética e não compreender o pensamento e a cultura judaica não permitiu enxergar o que estava além do texto. Tornava-se mais compreensível o perdão de pecados do que o perdão das dívidas.

Ao se pedir o perdão das dívidas e proclamar a prática de perdoar a quem nos deve, a oração não apenas enfatiza o Reino futuro como exalta uma prática de agora que será característica do Reino: a partilha. O perdão das dívidas, como no “Ano do Jubileu”, permite a equiparação da sociedade e o aplainamento das diferenças sociais provocadas pelo próprio endividamento.

VI – A QUINTA PETIÇÃO

(Parte referente aos estudos nº 12 e nº 13)

*“Venha o Teu Reino...
e não nos induza à tentação,
mas livra-nos do mal...”*

Como entender esta petição como a chave do Reino? O que é induzir à tentação? Que tentação é esta?

Primeiro, devemos pensar que a melhor tradução seria a nossa tradicional do Pai Nosso, onde recitamos: e não nos deixe cair em tentação. Só que a tentação aqui está ligada ao conceito da “Abominação da Desolação”. Este é o nome do anjo da décima

praga no Egito, que promoveu a matança dos primogênitos. Este mesmo “Anjo” aparece em outros textos bíblicos e irá simbolizar a grande tentação, a tentação final. No livro de Apocalipse aparecerá com o nome de “Grande Tribulação”.

Deste modo, na expectativa do Reino e da sua vinda, a súplica do cristão que vive a sua vida em função deste mesmo Reino é de que ele possa resistir à grande tentação, à grande tribulação.

Mas antes de nos precipitarmos em conclusões a respeito da Tentação, vamos olhar que a súplica não fala sobre o cristão não passar pela tentação. Não é uma súplica para que Deus poupe os cristãos de sofrerem essa tentação; antes, é um pedido de socorro para que Deus possa livrar os discípulos de caírem diante dela.

Essa petição irá ganhar força a partir das perseguições que a igreja sofreu. Testemunhar a fé para os cristãos acabará sendo o caminho do martírio. Essas perseguições serão vistas como promovidas pelo anjo “Abominação da Desolação” e resistir a ela será a prova de fogo para os cristãos que buscaram viver a sua vida de acordo com a oração do Pai Nosso.

Deste modo, essa última petição é a única que não aparece em forma de compromisso, mas em forma de súplica. Não há outro caminho para o cristão viver esse compromisso senão o de buscar a força de Deus em sua vida. Para que possamos viver esse compromisso, poderiam dizer os cristãos, não nos deixes cair diante das tribulações que provêm deste novo modo de vida.

CONCLUSÃO

(Parte referente aos estudos nº 14 e nº 15)

A oração do Pai Nosso é, como insistimos em todo o estudo, uma oração de compromisso. Um compromisso que se revela na relação transcendente – nossa relação com Deus – buscando santificar o nome Dele e promover a realização de Sua vontade em todos os segmentos da vida, partindo, para isso, de uma relação íntima com o Pai, tão íntima que permita que nós o chamemos de “Abba”.

Esse compromisso, contudo, não se esgota na relação vertical (com o Pai) mas se expressa na concretude da vida. No relacionamento com o próximo, na partilha do “pão de amanhã” e no perdão das dívidas a vontade de Deus vai sendo realizada e a petição/compromisso “Venha o Teu Reino” vai ganhando corpo, forma e realização.

Diante destes desafios, a petição “não nos deixe cair em tentação” é a nossa esperança de que, com a força e proteção do Pai, poderemos viver o compromisso que nasce quando fazemos esta oração.

ANOTAÇÕES:

.....
.....
.....

Repetir versus Orar Sempre

Estude bem a Introdução e o item I (Como Estudar o Pai Nosso). Pesquise bem os textos bíblicos em Mt 6.9-13; Lc 11.2-4; Mt 6.5-8; Lc 18.9-14; I Ts 5.17. Veja a contradição interessante. O Pai Nosso é a oração mais conhecida e mais repetida no mundo. Por ser repetida muitas vezes será que ela é realmente conhecida e compreendida? Repetir significa aprender e crescer?

Troque idéias no grupo sobre Mt 6.7. Durante as instruções dadas sobre a oração, Jesus advertiu seus seguidores sobre “vãs repetições”? Qual a diferença entre “vãs repetições” e a recomendação em I Ts 5.17 de “orar sem cessar”? Repetir a oração do Pai Nosso uma vez por dia contribui para o crescimento espiritual? O crescimento seria acelerado se fosse repetida dez vezes ao dia?

Quem repetia mais orações em Lc 18.9-14? Que diz essa parábola sobre a oração para nossos dias de hoje? Para esclarecer mais a diferença entre repetir e “orar sempre”, considere as seguintes perguntas:

- Tomar banho todos os dias é “vã repetição”?
- Dizer constantemente aos seus queridos “eu amo vocês” é “vã repetição”?
- Voltar à mesa todos os dias para as refeições é “vã repetição”?

Tentar estabelecer a distinção entre atos repetidos sem sentido e sem necessidade e atos constantes de higiene, nutrição e bem-estar. Verificar a diferença entre a repetição como papagaio de frases vazias e sem sentido e expressões constantes e frequentes de amor e carinho. Com essas comparações, tentar verbalizar com os(as) companheiros(as) de grupo a diferença entre repetir muitas vezes uma oração (como o Pai Nosso) e a atitude constante de oração que implica um compromisso sério com Deus.

Completar as seguintes frases em consulta com o grupo:

- Para mim a oração significa

.....

- Para mim, o maior valor da oração é

.....

Uma Oração – Duas Formas Registradas

Estude bem o item I (Como Estudar o Pai Nosso) e os textos bíblicos em Mt 6.9-13; Lc 2-4. Além da tradução de Almeida, que aparece no estudo para os dois textos bíblicos, procure outras traduções dos dois textos, tais como: A Bíblia na Linguagem de Hoje, O Novo Testamento Vivo, A Bíblia Viva e A Bíblia de Jerusalém.

Quais são as diferenças que você nota nestas traduções? Qual tradução fala mais de perto a você? Por quê? Faça o teste seguinte em consulta com os(as) companheiros(as) do grupo, colocando ao lado de cada item se ele se identifica mais com o registro de Mateus ou o de Lucas, quanto ao Pai Nosso:

– Uma doxologia no fim (Teu é o reino, o poder e a glória para sempre)

.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....

– Em resposta ao pedido dos próprios discípulos – “Ensina-nos a orar”

.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....

– Pai *nosso*

.....
.....
.....
.....

– Perdão dos pecados

.....
.....
.....
.....

– Perdão das dívidas

.....
.....
.....
.....

— Inserir no meio de instruções e ensinamentos de Jesus como um tipo de manual para
vos membros da comunidade cristã

Escolha a melhor resposta

1. Nos Evangelhos de Mateus e Lucas a oração do Pai Nosso:
 - a) não aparece.
 - b) aparece em formas diferentes e contraditórias.
 - c) aparece em formas diferentes mas não contraditórias.
 - d) é um modelo de oração para recitar e ganhar o favor de Deus através do exercício espiritual.
2. O Ano do Jubileu era um tempo de:
 - a) recitar mais ainda a oração do Pai Nosso.
 - b) perdoar dívidas, libertar escravos e devolver propriedades negociadas ao dono original.
 - c) aposentar os funcionários do Templo e admitir novos.
 - d) fazer grandes peregrinações ao Templo em Jerusalém.

3. Lucas:

- a) registra o Pai Nosso como uma senha para identificar os cristãos.
- b) registra o Pai Nosso no meio dos ensinamentos de Jesus no setor chamado Sermão do Monte.
- c) registra o Pai Nosso como sendo a oração que Jesus proferiu no Getsêmane.
- d) registra o Pai Nosso como sendo a oração que afastou Satanás na hora da Tentação.

4. Mateus:

- a) registra o Pai Nosso como uma senha para identificar os cristãos.
- b) registra o Pai Nosso no meio dos ensinoss de Jesus no setor chamado Sermão do Monte.
- c) registra o Pai Nosso como sendo a oração que Jesus proferiu no Getsêmane.
- d) registra o Pai Nosso como sendo a oração que afastou Satanás na hora da Tentação.

5. A melhor maneira de nós encarmos a oração do Pai Nosso é considerá-la como um:

- a) modelo para ser repetido, dispensando toda e qualquer outra forma de oração.
- b) formulário de pedidos a ser apresentado a Deus para ganhar seu favor.
- c) um exercício espiritual.
- d) um desafio a um compromisso de fé.

Para finalizar. Consulte o grupo e elabore uma lista de compromissos para os quais Deus está nos chamando hoje.

ANOTAÇÕES:

[illegible]

Leia com cuidado no item II (A Primeira Petição) o primeiro destaque do Pai Nosso. Pesquise bem os textos bíblicos em Mt 6.9-13; Lc 11.2-4; Is 6.1-5; Êx 33.17-23; Jo 1.1-14.

O pensamento mais comum no judaísmo era de pensar num Deus distante e poderoso. O seu nome era tão exaltado que quase não podia ser pronunciado e muito menos profanado ou desrespeitado. Um homem mortal, ao aproximar-se da presença de Deus, corria risco de vida (Êx 33.17-23). Isaiás teve uma visão do Deus Todo Poderoso e temia por causa da sua indignidade em face desta experiência tão marcante (Is 6.5).

À luz destes pensamentos, seria muito difícil um judeu propor um relacionamento íntimo com Deus. Era quase impossível conceber o tratamento utilizado na oração que começa com PAI. E tem mais: Jesus procurou a forma mais familiar e mais íntima ainda, que é ABBA – que se traduz por Paizinho, um tratamento que uma criança usaria nos momentos mais íntimos com o pai.

Considere com os(a) companheiros(as) de grupo estes pontos em relação ao início da primeira petição: – Embora reconhecendo Deus como o poderoso Criador e Sustentador do universo, Ele deseja comunhão conosco e um relacionamento que permita um tratamento de Paizinho. Procure Jo 1.1-14 e verifique que providências Deus tomou para possibilitar um relacionamento bem íntimo conosco.

Trocar idéias em classe sobre as seguintes implicações da frase inicial da oração

Pai Nosso:

- O Todo Poderoso está perto de nós, pronto a nos ajudar, orientar, proteger, amparar, aceitar, perdoar, amar, abençoar.
- A oração não usa a forma Meu pai, mas sim Pai Nosso. Somos irmãos.

Uma história para você considerar com o grupo

Certo homem estava de volta para sua cidade de origem e resolveu visitar a casa de um velho amigo. Ele sabia que seu velho amigo havia falecido mas queria visitar os filhos. Ao chegar na propriedade, verificou a seguinte situação: um filho ocupava quase a casa inteira, tinha uma mesa farta todos os dias, muitos servos cuidando dele e evidentemente tinha o controle de quase todos os bens da família. Dois irmãos ocupavam um quarto simples dentro da casa com as mínimas condições de conforto, mas sem o luxo do outro irmão. Outro irmão tinha um aposento pequeno em uma das dependências anexas da casa, com roupas de trabalho e mãos calojadas como sinal do trabalho pesado que fazia sempre. Quase nada dos bens do pai estava à disposição deste filho. O

último filho tinha um cantinho em um estábulo que repartia com os animais. Era possível perceber nela a aparência que ele trabalhava muito e passava fome.

Que absurdo!, disse o visitante. Vocês são irmãos! Os bens de meu velho amigo, seu pai, são suficientes para todos. Por que uns estão bem e outros passam necessidades? Esta situação é uma afronta à memória do seu pai. Por que não podem viver como verdadeiros irmãos e honrar a memória do seu pai?

Para fazer em grupos

Considere esta história como uma parábola. O mundo é a propriedade do pai. Os cinco filhos representam os cinco bilhões de habitantes na terra. Muitos bens estão nas mãos de poucos, muitos têm menos, embora sua vida seja um pouco difícil. Outros lutam com muitas dificuldades e alguns estão na miséria. Somos irmãos na terra ou não somos? Podemos orar e dizer Pai nosso quando nossas atitudes e atos desonram o Pai?

ANOTAÇÕES:

- Estude bem o item II (A Primeira Petição... Santificado seja...). Pesquise bem os textos bíblicos em **Mt 6.9-13; Lc 11.2-4; Ez 36.23-29; Jo 17.17-19.**

Escolha a melhor resposta

1. O texto Jo 17.17-19 sugere que:

- a) Jesus se santificou para que nós fôssemos santificados para cumprir nossa missão no mundo.
- b) apenas Jesus pode almejar a santificação.
- c) Jesus tinha que sofrer muito para tornar o nome de Deus santificado.
- d) pela observação da Lei o nome de Deus se tornará santificado.

2. A petição “Santificado seja o teu nome” significa:

- a) que o nome de Deus está manchado e está precisando de purificação.
b) que por nossas forças humanas podemos contribuir para a melhoria do nome de Deus.
c) que cabe a cada cristão reconhecer a santidade do nome de Deus e agir de acordo com ela.
d) que nesta frase temos uma fórmula a ser repetida para alcançar uma graça especial.

3. “Santificado seja o teu nome”:

- a) é um compromisso que todo o cristão assume para viver os sinais do Reino em contradição aos sinais da morte tão evidentes em nosso mundo conturbado.
- b) é uma frase a ser repetida para dar sorte aos cristãos na sua vida diária.
- c) é apenas uma expressão litúrgica sem muita validade para vivência da fé em tempos como os nossos.
- d) é uma confirmação do fato de que Deus é bem distante de nós, que somos pecadores e indignos.

4. “Santificado seja o teu nome” é um compromisso e ao mesmo tempo:

- a) uma maneira para todos que não sejam perfeitos.
- b) uma esperança de que veremos em nosso meio as manifestações do Reino, à medida que proclamarmos essa verdade.
- c) um desafio para que todos procurem colocar seu nome no rol de alguma igreja.
- d) uma advertência contra aqueles que não têm um bom nome na praça.

5. a) só os judeus podem ter nomes santificados.
b) só os judeus podem santificar o nome de Deus.
c) embora atos de desobediência tivessem profanado o nome de Deus, na realidade a santidade do nome de Deus nunca pode ser atingida e Ele mesmo mostrará que Seu nome que é Santo.
d) Deus está preocupado com o valor do seu nome.
6. A promessa de Deus por intermédio do profeta Ezequiel ao povo:
a) Deus dará aos judeus domínio sobre as nações.
b) Deus dará ao povo um novo coração e a oportunidade de ser seu povo, e Ele será seu Deus. Neste relacionamento, o nome de Deus será santificado.
c) Deus dará um tratamento preferencial aos judeus.
d) Deus protegerá os judeus de sofrimentos e dificuldades.

Para fazer em grupos

- Enumerar os atos de violência, opressão e injustiças que desonram o nome de Deus hoje.
- Enumerar as atitudes e ações que confirmam o fato de que o nome de Deus está sendo valorizado e respeitado hoje.

ANOTAÇÕES:

This image shows a full page of primary-ruled paper designed for handwriting practice. It features ten vertical dotted lines spaced evenly across the page, creating eleven columns of equal width. The background is a light cream color, and the dots are small and dark grey or black. There is no text or other markings on the page.

Venha o Teu Reino

Estude bem o item III (A Segunda Petição, a primeira parte “Venha o Teu Reino”). Pesquise bem os textos bíblicos em **Mt 6.9-13; Lc 11.2-4; Mc 1.14-15; Lc 11.20; Mt 12.28; Mt 25.31-46; Ap 11.15.**

Consulte os outros na classe e escolha a melhor resposta:

1. “Venha o Teu Reino” deve inspirar a seguinte reação:
 - a) eu fico de braços cruzados enquanto Deus toma as providências para estabelecer o seu Reino.”
 - b) “eu aguardo uma boa colocação neste novo governo que se estabelecerá aqui na terra.”
 - c) a frase representa apenas um acontecimento no outro lado do túmulo e nada tem a ver com a vida aqui na terra.
 - d) “eu assumo um compromisso de sinalizar este Reino em todos os meus relacionamentos.”
2. Em **Marcos 1.14-15** o evangelista:
 - a) afirmou que o tempo era chegado e o Reino um fato.
 - b) afirmou que o Reino era um sonho dourado com pouca possibilidade de realização na terra.
 - c) afirmou que o Reino era apenas uma força de expressão e não era par levar a sério.
 - d) afirmou que o Reino era sinônimo para a estrutura da igreja que estava em fase de organização em Jerusalém.
3. O Reino de Deus:
 - a) foi um tema ignorado por Jesus.
 - b) aparece nos ensinamentos e no ministério de Jesus mas como um ponto insignificante e quase imperceptível.
 - c) é um tema constante e central nos ensinamentos de Jesus.
 - d) é mais um conceito humano dos seguidores de Jesus e o Mestre não se interessou por esta figura.

4. Ap 11.15 nos dá:
- a) uma visão dos reinos poderosos que ganham sempre neste mundo e o final disso com o Reino de Deus lá nos céus.

Seja Feita a Tua Vontade

- b) a visão dos reinos deste mundo transformados no Reino do nosso Senhor.
- c) a visão do poderio do Império Romano, o mais poderoso Reino em existência.
- d) a visão de uma superpotência na terra hoje dominando os demais povos, talvez com armas nucleares contra as quais ninguém pode resistir.

5. Mt 25.31-46 apresenta os participantes do Reino como sendo:

- a) pessoas arroladas em uma igreja estabelecida.
- b) pessoas com boas intenções.
- c) pessoas bem vistas na sociedade.
- d) pessoas sensíveis às necessidades dos outros e com a disposição de atender essas necessidades por amor de Jesus.

6. O Reino de Deus é:

- a) exclusivamente uma realidade futura.
- b) exclusivamente uma realidade presente.
- c) exclusivamente uma idéia espiritual e filosófica, sem vinculação na realidade da vida.
- d) uma realidade já experimentada e vivenciada e também um evento que ainda não aconteceu na sua plenitude. Por isso, o cristão ao mesmo tempo trabalha para produzir sinais concretos deste Reino, acredita nele e proclama sua realidade, e espera confiante em Deus a plena realização deste Reino.

Para fazer juntos

- Trocar idéias: vocês no seu grupo estão “esperando” o Reino? Realizam alguma atividade durante este tempo de espera? A sua espera tende mais para o sentido de passividade e permanecer parado aguardando a passagem do tempo ou é uma esperança viva que aguarda trabalhando um acontecimento para o qual Deus já nos dá sinais de concretização?

ANOTAÇÕES:

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

Estude bem o item III (A Segunda Petição e especialmente o setor “Seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu”). Leia com atenção os textos bíblicos em Mt 6.9-13; Lc 11.2-4; Lc 22.39-46; Mt 21.28-32.

Com os componentes do grupo examine todos os textos bíblicos pelo prisma do compromisso. O cristão é chamado a seguir a Cristo e fazer a vontade de Deus. Para ser um bom filho é preciso fazer a vontade do Pai. Não podemos orar “Pai Nosso” com sinceridade se não estamos dispostos a procurar fazer Sua vontade. No texto bíblico de Mt 21.28-32, um filho fez tudo o que um filho “bonzinho” poderia fazer. Superficialmente ele agradou o pai. Fingiu sua lealdade e sua aceitação da vontade do pai. O segundo filho expressou um momento de revolta temporária mas caiu em si e assumiu um compromisso sério com a vontade do pai. O texto não deixa dúvidas sobre qual filho realmente fez a vontade do pai. Só este segundo estava em condições de orar “Seja feita a tua vontade e não a minha”. O exemplo por excelência é a vida de Jesus. Ele foi quem fez a vontade do pai até as últimas consequências. Veja como foi em Lc 22.39-46.

Ao fazer a vontade de Deus, cada um está pedindo a vinda do Reino. Na medida em que cada um se submete à vontade de Deus, há um compromisso de viver dentro das exigências do Reino. Os indivíduos não seguirão seus desejos egocêntricos, mas viverão de acordo com os princípios da justiça e do amor – os valores que imperam no Reino. Submissos à vontade de Deus, todos se comprometem a trabalhar para a transformação da sociedade. Neste sentido, a vontade de Deus será realizada na terra como ela é realizada no céu.

Para fazer em grupos e individualmente

Completar:

- Recentemente, eu tenho feito o seguinte, e considero como sendo a vontade de Deus:
-
-
-
-
-

os desejos humanos são ilimitados. Na corrida louca de saciar estes ilimitados, os recursos limitados precisam ser disputados unha a unha com os outros. No segundo caso, a pessoa presume que as dádivas de Deus são ilimitadas. Mas os desejos humanos podem e devem ser limitados às necessidades básicas para uma vida modesta e simples. Assim não faltará para ninguém. Todos terão pão de cada dia e não haverá necessidade de disputar a posse dos bens materiais deste mundo que Deus criou.

Completar

Posso fazer o seguinte para colaborar para que todos tenham o seu pão de cada dia:

A series of ten vertical dotted lines for handwriting practice.

ANOTAÇÕES:

[illegible]

Estude bem o item IV (A terceira Petição), notando especialmente as colocações sobre a tradução da frase que tem um sentido “de amanhã”. Anote bem as referências da importância das refeições em termos do relacionamento, pois tudo isso mostra que o banquete messiânico é o pano de fundo para a compreensão desta frase. O material bíblico se encontra em **Mt 6.9-13; Lc 11.2-4; Jo 6.22-59; Mt 25.31-46**.

Os fíéis sempre afirmaram que o sustento do dia vem de Deus, que nos fornece o necessário para cada dia como forneceu o maná e como mandou os codornizes para o povo no deserto (Êx. 16).

Ao mesmo tempo os fíéis sempre incluíram neste “pão de cada dia” o sustento espiritual que é tão necessário também, pois não só de pão (material) vive o ser humano (Mt 4.4; Dt 8.3). Veja como este conceito é trabalhado em Jo 6.22-59. Este texto segue o registro da multiplicação dos pães e os versículos 26-27 mostram que Jesus fez questão de levar os pensamentos de todos além da comida material providenciada naquele momento e focalizar na sua pessoa e na sua missão.

Trabalhe com o grupo o conceito apresentado no estudo em termos do banquete messiânico. Com a tradução “o pão de amanhã” temos a oportunidade de ter sinais, amostras e pequenas experiências agora daquela realidade mais completa do banquete messiânico. Para ajudar o grupo sentir isto podemos usar a figura de alguém esperando o café. No momento em que o pó está sendo moído ou coado há um cheiro gostoso que já dá um prazer semelhante àquele momento de tomar o café. Aguardando um delicioso churrasco, o aroma da carne assando é uma delícia, mesmo antes de colocar na boca. Como podemos sentir o gosto e saborear as realidades do Reino de Deus por antecipação?

Mt 25.31-46 é um texto que aponta que um grupo teve oportunidade de participar do Reino por antecipação. Um grupo desperdiçou a oportunidade porque não serviram os necessitados em nome de Jesus. É interessante notar que este grupo achava que já estava dentro do Reino mas na realidade não tinha realizado coisa alguma que pudesse sinalizar este Reino. Em contraste, o outro grupo prestou serviço aos pequeninos em nome de Jesus e por antecipação já experimentava o Reino.

Completar em grupos:

Nossa igreja local está fazendo o seguinte que tem “o gosto” ou “o sabor” do Reino:

.....

Perdoa-nos as Nossas Dívidas

Estudar bem o item V (A Quarta Petição) e especialmente a parte do estudo que fala sobre o Ano do Jubileu. O material bíblico se encontra em **Mt 6.9-13; Lc 11.2-4; Lv 25.8-55; Is 61.1-3; Lc 4.16-21.**

Examine o conteúdo do Ano do Jubileu. A cada 50 anos os escravos que caíram nesta condição por causa de dívidas seriam libertos. Terras vendidas ou resgatadas voltariam aos seus proprietários originais. Como enfatiza o estudo, essas leis são registradas mas não temos evidências no Antigo Testamento do cumprimento destas leis. Existem dificuldades em torno do cumprimento rigoroso. Será que toda a terra fica sem plantar e colher? A economia fica paralisada durante o ano todo? Como o povo se alimenta? As dívidas são realmente perdoadas?

A frase “Perdoa-nos as nossas dívidas” tem como pano de fundo o ideal do Ano do Jubileu. Sem se deter nas questões econômicas do assunto e sem nos preocupar com as questões dos detalhes práticos do assunto, pensemos num caso humano. O trabalhador X deve para seu patrão. Por uma infelicidade de uma seca prolongada não houve produção naquele ano e o coitado do trabalhador não consegue pagar. Ele é forçado a trabalhar, junto com seus familiares, para pagar a dívida. Mas o trabalho que consegue realizar e a produção mal pagam as despesas da sua própria sobrevivência. A família continua trabalhando mas não consegue se livrar da dívida pesada. Chega o Ano do Jubileu. O som da trombeta é uma bênção para o coitado trabalhador porque suas dívidas são canceladas e ele e a família ganham sua liberdade. Pode ser que o patrão não fique tão entusiasmado com a idéia do Ano do Jubileu mas para os oprimidos e os pobres é uma bênção sem par. Em **Isaías 61.1-3** o Ano do Jubileu é focalizado na sua plenitude como o ano aceitável do Senhor. Jesus foi buscar este princípio quando pregou na sinagoga de Nazaré e anunciou seu ministério terreno. Sua plataforma seria a mesma anunciada pelo Ano do Jubileu – liberdade para os cativos, cura para os quebrantados de coração e boas novas e restauração da vista aos cegos (**Lc 4.18-19**).

A frase “Perdoa-nos as nossas dívidas” faz lembrar de um coitado trabalhador, incapaz de juntar dinheiro suficiente para conseguir sua libertação, que aguarda o Ano do Jubileu para conseguir aquilo que sozinho nunca seria possível. É o cego que não tem a mínima condição de recuperar a vista mas recebe esta graça milagrosamente. É o oprimido que não tem vez dentro de um sistema injusto mas que recebe os benefícios da proteção e do amparo de um Ano do Jubileu – o ano aceitável do Senhor.

A frase “Perdoa-nos as nossas dívidas” vem no contexto de “Venha o teu Reino”. Com a plenitude do Reino não haverá um sistema injusto e opressor em que alguns estejam sem dívidas pesadas que não conseguem saldar. O Reino virá com o toque da trombeta sinalizando libertação, igualdade e justiça.

Completar individualmente:

Estou sentindo o Reino de Deus por antecipação das seguintes maneiras:

ANOTAÇÕES:

Para completar individualmente

[illegible]

Completando a lista, procure um lugar solitário e peça a Deus uma libertação desta “dívida”. Agradeça a bênção e considere a conta “fechada”, no espírito do Ano do Jubileu, que cancelou todas as dívidas existentes.

ANOTAÇÕES:

[illegible]

O Compromisso de Perdoar

Estude bem o item V (A Quarta Petição), especialmente a parte do estudo que focaliza o nosso compromisso de perdoar. O material bíblico é **Mt 6.9-13; Lc 11.2-4; Mt 18.21-35.**

Superficialmente, é fácil pedir “Perdoa-me”. É fácil pensar que, após um erro cometido, uma simples frase vai liquidar a responsabilidade. Mas o estudo do Pai Nosso nos alerta que o pedido de perdão que fazemos a Deus é vinculado ao compromisso de perdoar.

Troque idéias sobre a pergunta de Pedro em **Mt 18.21**. Pelo que sabemos de Pedro, ele era um homem fogoso e estourado e provavelmente teria dificuldade em perdoar o outro. Uma vez seria muito para Pedro, mas ele arriscou um número e perguntou a Jesus se o cristão teria a obrigação de perdoar até sete vezes. O *até* de Pedro na pergunta era enfatizado porque ele já estava achando muito. A resposta de Jesus no versículo 22 leva o assunto mais longe quando o Mestre coloca setenta vezes sete. Uma maneira mais figurada de dizer que devemos perdoar inúmeras vezes até o infinito.

Considere esta ilustração: uma classe da ED as crianças estavam estudando estes dois versículos e uma disse: “eu sei quantas vezes a gente precisa perdoar. Já posso fazer as contas na cabeça – 490 vezes! Eu fiz de cabeça”. Outra criança disse: “mas não é na cabeça que tem que fazer. É no coração!” O pedido no Pai Nosso nos lembra que temos de assumir no coração o compromisso de perdoar tanto quanto for necessário.

Veja a parábola do credor incompassivo, em **Mt 18.23-35**. Essa parábola vem logo após a conversa com Pedro sobre quantas vezes se deve perdoar um irmão. Note na parábola que o credor incompassivo não assumiu o compromisso de perdoar. Ele queria ser perdoado (e de fato foi) mas não chegou até o ponto de assumir o compromisso de perdoar os outros.

Trocar idéias em grupos sobre estes pontos: Deus não faz negócios conosco de dá-cá e toma-lá. Perdoar um pouco aqui para poder conseguir um pouco de perdão lá. Contudo, o pedido de perdão é vinculado à nossa disposição de perdoar. O compromisso de perdoar faz parte do Pai Nosso junto com a petição de perdão. Só podemos receber o perdão de Deus quando perdoamos. Só conseguimos sentir e receber o amor que Deus nos oferece gratuitamente quando amamos os outros em seu nome.

Na parábola, o homem que tinha uma dívida insignificante para receber não tinha o mínimo de compaixão. Não cedeu nenhum centímetro para perdoar. Aquele que tinha uma dívida bem grande para receber abriu mão deste direito e perdoou a dívida. Por incrível que pareça, o mesmo que foi perdoado desta enorme dívida não conseguiu perdoar uma pequena dívida. Ele era pedinte humilde no momento de solicitar perdão para sua dívida mas um credor incompassivo e orgulhoso no momento de exigir o recebimento.

Nos grupos, levantem casos que vocês lembram de pessoas que têm dificuldades em relacionar-se com outros porque carregam ódio, ressentimentos, espírito de vingança e não sabem perdoar. Verificar as dificuldades que essas pessoas enfrentam porque não podem receber o perdão de Deus, pois não assumem o compromisso de perdoar.

Para fazer individualmente

Responder em segredo para você mesmo:

- Sou mais exigente com os outros do que consigo mesmo?
- Ainda carrego mágoas contra alguém?
- Alguém me pediu perdão e eu não consigo perdoar?
- Existe um rancor ou ódio na minha vida que está impedindo a ação da graça perdoadora de Deus?

ANOTAÇÕES:

[illegible]

Sem Cair

Estude bem o item VI (A Quinta Petição), especialmente a parte do estudo que fala da tradução da frase “não nos induza à tentação ou não nos deixe cair em tentação”. O material bíblico é Mt 6.9-13; Lc 11.2-4; Ex 12.13; Dn 11.31; Mt 4.1-11; Mt 24.15-22; Hb 4.15; Ap 2.10; Ap 7.14.

Pesquise o material bíblico para entender o pano de fundo para um conceito de “Abominação da Desolação” Êx 12.13 fala do grande Destruidor ou Exterminador. Os egípcios sofreram este flagelo mas os israelitas foram poupados pelo sangue exposto na frente da casa. Daniel falou desta terrível “Abominação da Desolação” em Dn 11.31, mas sua referência era para um ato horrível que nunca poderia se apagar das mentes dos judeus. Antíoco Epifanes praticou o maior insulto possível contra a fé judaica quando mandou sacrificar um porco ao deus grego, Zeus, em pleno altar-mór do Templo de Jerusalém. Jesus mencionou este ato deplorável e falou da grande tribulação em Mt 24.15-22. No livro de Apocalipse essa grande tribulação é tema em 7.14 e também em outros lugares. Com estas referências, sabemos que a frase “Não nos deixe cair em tentação” era um pedido que tinha o pano de fundo de perseguição por causa da fé. Os cristãos pediram que Deus lhe desse forças para resistir na hora da maior perseguição. A comunidade de fé tinha essa palavra que era de promessa e esperança ao mesmo tempo que era de advertência e alerta. A perseguição virá, mas com a força que Deus dará a vitória é possível. Veja Ap 2.10.

“Não cair no meio das tentações”. Como enfatizam os estudos, algumas traduções registram: “e não nos induza à tentação”. A comunidade cristã não entendeu que Deus coloca a pessoa propositalmente nas garras da tentação. Por outro lado, os fiéis sabiam que a vivência da fé não acontece em ambiente fechado, em mosteiros ou conventos isolados da vida humana. Nenhum cristão é cultivado em estufa ou em ambiente artificial. Nosso problema não é o de solicitar que Deus tire todas as tentações da vida e da experiência humana. É pedir forças para resistir e permanecer fiel no meio das tentações. É não cair. O exemplo que temos é o de Jesus. Ele enfrentou tudo que nós enfrentamos e ainda assumiu e levou em frente o compromisso de viver de acordo com a vontade de Deus. Veja **Hb 4.15**. Jesus não somente nos ensinou a frase do Pai Nosso “não nos deixe cair em tentação”. Ele exemplificou a vitória sobre a tentação em **Mt 4.1-11**. Ele assumiu um compromisso com Deus e não deixou Satanás perverter, prejudicar ou alterar seu propósito. Três vezes Jesus apresentou propostas tentadoras – três vezes replicou com uma sólida base nas Escrituras. Com esta base seu compromisso com Deus permaneceu intacto.

Linha 1: Livro de bolso, 128 páginas, 1984, R\$ 1,90.

Estude bem o item VI (A Quinta Petição), especialmente a parte final que se refere à libertação do mal. O material bíblico: Mt 6.9-13; Lc 11.2-4; Jo 17.15-21; Lc 22.39-46; Rm 6.12-14; Ef 6.10-20.

Examine os textos bíblicos. Além do pedido no Pai Nosso de “Livra-nos do mal”, temos a oração sacerdotal de Jesus que intercede em favor dos seus fiéis (João 17.15-21). Aqui Jesus pede que este seus seguidores sejam libertos do mal. Jesus assumiu o compromisso total com a missão. Este compromisso nem sempre era fácil e o próprio Jesus levantou pensamentos sobre uma saída mais fácil que exigisse menos sofrimento e sacrifício. Mas no fim conseguiu forças para livrar-se deste mal. Permaneceu intacto o compromisso com a vontade de Deus e a missão.

Estude em grupos Rm 6.12-14. Considere as seguintes perguntas:

- O que mais impressiona você nestes versículos?
- Descreva uma pessoa que deixa reinar o pecado na vida.
- Descreva uma pessoa onde reina Deus na vida.

Para fazer individualmente

- [illegible]

Ef 6.10-20.

Na época, a figura da armadura tinha sentido, pois a proteção metálica foi suficiente contra as armas mais comuns, flechas, lanças, espadas etc...

Mas hoje sabemos que nossa luta é contra principados e postestades e dominadores deste mundo tenebroso. Hoje nossa luta é contra poderosos interesses financeiros que controlam até governos e agências de policiamento internacional para favorecer comerciais que manipulam mercados, preços e empregos, que poluem ambientes, que colocam em risco a saúde de grandes populações, contra poderosos impérios de TV e rádio e jornais que moldam a opinião pública e aumentam seu controle sobre todos os aspectos da vida nacional. Contra o mal assim, não podemos entrar com armadura do tempo medieval e esperar sobreviver. Você já pensou se um astronauta fosse chegar à lua vestido da armadura de um cavaleiro da idade medieval? O que é preciso é uma vestimenta própria para sobreviver em lugar onde não existe ar atmosférico e onde há temperaturas bem mais baixas e mais elevadas do que existem no planeta terra, bem como menos gravidade. Graças a um equipamento e uma “armadura” moderna a sobrevivência é possível? Qual “armadura” necessitamos contra os males que assolam nossa sociedade hoje? Que tipo de Igreja? Que tipo de escola? Que tipo de lar e família?

ANOTAÇÕES:

[illegible]

Ler com cuidado a conclusão. Rever os estudos de cada parte dando atenção especial aos setores I, II e III. O material bíblico: Mt 6.9-13; Lc 11.2-4; Lc 9.23-25; Lc 9.57-62; Lc 18.18-23; Jo 1.1-14; Lc 10.25-37; Mt 22.34-40; Ex 20.7; Ez 36.23-28; c. 22.39-46; Jo 6.1-15; 22-59.

É importante considerar o Pai Nosso como um todo e em termos de um compromisso. Quem ora o Pai Nosso assume o compromisso de:

- a) Reconhecer nossa intimidade com Deus e sua disposição de comungar conosco. Para tornar possível este relacionamento, Ele se fez humano e habitou conosco (Jo 1.1-14). Por isso nosso compromisso não foi feito com alguma divindade nebulosa existente só além das nuvens. Não iniciamos nossas orações com títulos pomposos assim: Majestade Excelsa, Poderoso Criador, Suprema Força ou Infinito Bem, mas simplesmente com o tratamento que Jesus passou para nós – Paizinho (Abba). Nosso compromisso é de amar e obedecer e este Pai em constante comunhão com Ele.
- b) Também nosso compromisso é com nosso semelhante. Não chamamos Deus de Pai com exclusividade. O *nosso* está no coletivo. Não dizemos *meu* Pai. O nosso compromisso é de amar a Deus (o Pai) e também de amar ao nosso próximo como a nós mesmos. Este grande mandamento faz parte do nosso compromisso. De fato, ele reúne todo o sentido da Lei em si (Mt 22.34-40). Ninguém pode orar o Pai Nosso apenas no Templo, pensando exclusivamente no Pai. O compromisso também é com todos os filhos do Pai, nossos irmãos, ao longo do tortuoso caminho para Jericó, onde os filhos do Pai (nossos irmãos) estejam passando necessidade.
- c) Assumimos o compromisso de honrar o nome do Pai. O mandamento em Êx 20.7 está de pé. O cristão não repete a frase “santificado seja o teu nome” para tentar somar algo ao nome de Deus. Todos sabem que este nome é santo e exaltado em si e nada podemos fazer para tirar ou acrescentar coisa alguma. Nosso compromisso é de viver de tal maneira que nossos atos e atitudes possam demonstrar o fato de que reconhecemos a santidade do nome de Deus. Ezequiel lembrou o povo que atos indignos estavam profanando o nome do Senhor. Não é que estivessem atingindo a santidade de Deus em si, mas os atos do povo não estavam de acordo com a santidade do nome. O resultado era uma profanação. O que foi necessário era um novo coração, um espírito reto dentro do povo, para que os atos e as atitudes pudessem honrar o nome de Deus e não profaná-lo. Nosso compromisso está nestes termos hoje, de colocar nossos atos e atitudes dentro da vontade de Deus e da santidade do seu nome que reconhecemos e respeitamos.

- b) Também nosso compromisso é com nosso semelhante. Não chamamos Deus de Pai com exclusividade. O *nosso* está no coletivo. Não dizemos *meu Pai*. O nosso compromisso é de amar a Deus (o Pai) e também de amar ao nosso próximo como a nós mesmos. Este grande mandamento faz parte do nosso compromisso. De fato, ele reflete todo o sentido da Lei em si (Mt 22.34-40). Ninguém pode orar o Pai Nosso apenas no Templo, pensando exclusivamente no Pai. O compromisso também é com todos os filhos do Pai, nossos irmãos, ao longo do tortuoso caminho para Jericó, onde os filhos do Pai (nossos irmãos) estejam passando necessidade.

- c) Assumimos o compromisso de honrar o nome do Pai. O mandamento em Êx 20.7 está de pé. O cristão não repete a frase “santificado seja o teu nome” para tentar somar algo ao nome de Deus. Todos sabem que este nome é santo e exaltado em si e nada podemos fazer para tirar ou acrescentar coisa alguma. Nosso compromisso é de viver de tal maneira que nossos atos e atitudes possam demonstrar o fato de que reconhecemos a santidade do nome de Deus. Ezequiel lembrou o povo que atos indignos estavam profanando o nome do Senhor. Não é que estivessem atingindo a santidade de Deus em si, mas os atos do povo não estavam de acordo com a santidade de Deus e o resultado era uma profanação. O que foi necessário era um novo de do nome. O resultado era uma profanação. O que foi necessário era um novo coração, um espírito reto dentro do povo, para que os atos e as atitudes pudessem honrar o nome de Deus e não profaná-lo. Nosso compromisso está nestes termos hoje, de colocar nossos atos e atitudes dentro da vontade de Deus e da santidade do seu nome que reconhecemos e respeitamos.

Para fazer em grupos

- Rever todos estes compromissos do Pai Nosso mencionados no Estudo nº 14 e neste Estudo nº 15. Aplicar estas perguntas a cada compromisso:
 - a) Estou consciente deste compromisso quando oro o Pai Nosso?
 - b) Estou honrando este compromisso que assumi ao orar o Pai Nosso?
 - c) Que apoio eu preciso para honrar os compromissos implícitos na oração do Pai Nosso?

ANOTAÇÕES:

[illegible]

A Doxologia

Estude bem o item I (Como Estudar o Pai Nosso) dando atenção especial ao sétor A Doxologia.

A doxologia final do Pai Nosso aparece somente em Mateus. Os entendidos pensam que Mateus teve acesso a um material mais trabalhado e mais elaborado do que Lucas. A comunidade cristã já usava o Pai Nosso com essa forma litúrgica cristalizada. Também Mateus coloca a oração do Pai Nosso no meio das instruções e ensinamentos nesta parte do Evangelho conhecido como Sermão do Monte. Lucas coloca a oração como resposta direta e simples de um pedido feito pelos próprios discípulos para ensiná-los como orar. Comparar **Mt 6.9-13** com **Lc 11.1-4**.

Uma doxologia é uma forma litúrgica para terminar expressões de louvor, súplicas ou intercessão junto a Deus.

Mas o que nos interessa não é apenas um debate acadêmico sobre a razão e a natureza da doxologia, mas o seu valor para nós hoje. O que significa dizer hoje “teu é o reino”?

Seu grupo vê evidências de que Deus está com o controle hoje? Explique a resposta. Alguém pode superficialmente afirmar que Deus é o soberano de todos os reinos deste mundo mas é interessante saber se age conforme esta afirmação. Satanás contestou isso e chegou até o ponto de oferecer a Jesus estes reinos (veja **Mt 4.8**). O que significa **Ap 11.15**? Os reinos deste mundo realmente pertencem ao nosso Senhor? Será um acontecimento futuro sem validade para hoje? Quando e como vai acontecer isto? O que significa orar hoje “**teu é o reino**”?

O poder. Que poder que Deus tem hoje? Está exercendo este poder onde? Como? Com que resultados? Em nossa vida prática, reconhecemos o poder de quem? O seu grupo pode indicar alguns sinais do poder de Deus no mundo de hoje?

Todos reconhecem o poder de Deus? Quem está reconhecendo e quem não está? Para um observador do nosso mundo de hoje, quem parece deter mais poder?

A glória. Como você entende a glória de Deus? Ezequiel fala muito da glória de Deus. Veja Ez 43.1-9 como exemplo. Este relato coincide com sua interpretação da glória de Deus? Você acha que devemos manter a frase no fim do Pai Nosso ou é apenas uma frase literária sem muito sentido para a vida moderna?

O que você pretende quando diz a frase “tua é a glória”?

Por que a Igreja Primitiva insistiu em colocar a frase “para sempre” no fim do Pai Nosso? Tem sentido para você esta frase ou podemos omitir as palavras sem prejudicar a oração?

Quem Pode Orar o "Pai Nosso"

No estudo final, focalize perguntas assim em torno do assunto. Todos os estudos focalizaram o Pai Nosso em termos de um compromisso. Só pode orar o Pai Nosso aquele que assume os compromissos inerentes à oração. Veja estas perguntas para ver se você é credenciado para orar o Pai Nosso.

- Está disposto a se relacionar com Deus de maneira direta e íntima? Está disposto a aceitá-lo como Pai e receber sua orientação, obedecer a sua vontade e corresponder a seu grande amor?
- Aceita os outros como filhos e filhas do Pai? Está disposto a considerar todos como irmãos e irmãs? Abre mão de qualquer direito de exclusividade sobre Deus e reconhece que Ele é não somente seu Pai mas o Pai de todos?
- Reconhece a santidade do nome de Deus? Está disposto a fazer tudo para honrar este nome? Abre mão do egocentrismo e das injustiças que possam profanar o nome de Deus? Procura colocar suas atitudes e suas ações dentro do padrão exigido pelo Pai? Está disposto a eliminar da sua vida aquilo que seja contrário ao bom nome de Deus?
- Assume um compromisso com o Reino de Deus? Está disposto a trabalhar para a concretização deste Reino? Mantém a esperança viva deste Reino em sua plenitude? Trabalha com os outros fiéis para sinalizar este Reino aqui e agora?
- Procura a vontade de Deus em tudo? Está buscando o Reino de Deus em primeiro lugar na sua vida? Mesmo nos momentos mais difíceis, está disposto a dizer como Jesus disse: “Seja feita a tua vontade e não a minha”?
- Tem a humildade de reconhecer Deus como Autor e Sustentador da vida? Tem a simplicidade de uma criança para reconhecer sua dependência do Pai para o pão de cada dia? Está lembrado também que nem só de pão viverá o homem? Procura alimentar-se de Cristo, o Pão da Vida.
- Na sua busca legítima do seu próprio pão de cada dia está lembrado das necessidades dos seus irmãos e das suas irmãs? Está disposto a abrir mão dos seus luxos e dos seus excessos se tais coisas estejam prejudicando seu semelhante na sua busca do pão de cada dia?
- Sente o gosto por antecipação do Reino? Já sente o cheiro dos saborosos pratos que serão servidos aos fiéis no banquete messiânico? Em atos de amor e misericórdia hoje, já está antevendo este grande evento? Está disposto a receber o pão de amanhã que o Senhor nos oferece em fé?

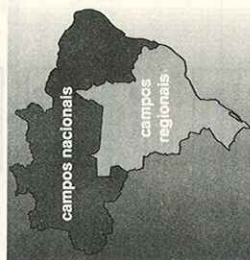
OFERTA DE AMOR E FÉ PARA OS CAMPOS MISSIONÁRIOS

4º Domingo é dia de Missões



IGREJA METODISTA

Comunidade Missionária a Serviço do Povo



AS OFERTAS DE AMOR E FÉ SÃO VOLUNTÁRIAS E NÃO SUBSTITUEM
O DÍZIMO, QUE É SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A IGREJA LOCAL

Cole

Cole

Lembretes para o(a) líder do grupo:

- * FAÇA as divisões de estudos de acordo com os interesses do grupo. Você pode alterar a ordem dos estudos, aprofundar mais em alguns pontos e gastar mais tempo nas áreas de estudos que despertarem mais interesse.
- * INCENTIVE a leitura do livreto e os textos bíblicos indicados.
- * VALORIZE a participação de todos no grupo e seja um instrumento para facilitar o intercâmbio de idéias.
- * FOCALIZE sempre o embasamento bíblico através dos textos indicados.
- * INCENTIVE os participantes a guardarem o livreto como fonte permanente de consultas e estudos.
- * INCENTIVE o estudo destes livretos em diversos momentos da vida da igreja, visando a capacitação de todos para a missão.
- * PROCURE uma postura pedagógica que facilite o envolvimento de todos no processo de aprendizagem propondo ações concretas e objetivas de vivência cristã.

Rua Vigário João de Pontes, 766 - Chácara Fluxa
CEP 04748-000 - São Paulo - SP
Tel.: (011) 532-9622/247-5288
FAX: (011) 521-2825



imprensa metodista

LOJA/SHOW ROOM
Av. da Liberdade, 655
01503-001 - São Paulo
Fone: (011) 278-6388